

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

# DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

  
ALMEDINA

 ces

Centro de Estudos Sociais

# Dicionário das Crises e das Alternativas



## **DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS**

AUTOR

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado  
Universidade de Coimbra

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, n.ºs 76, 78 e 79  
3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901  
www.almедина.net · editora@almедина.net

DESIGN DE CAPA

FBA

REVISÃO

Victor Ferreira

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Palheira Assafarge, 3001-453 Coimbra

producao@graficadecoimbra.pt

Abril, 2012

DEPÓSITO LEGAL

....

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



GRUPOALMEDINA

---

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado

Universidade de Coimbra

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

ISBN 978-972-40-4820-8

CDU 316

338

## **E**cologia de saberes

A resposta à crise passa por apropriar ou inventar espaços públicos onde ganham forma outros modos de pensar a sociedade e de habitar o mundo, resgatando uma imensa riqueza de experiências que não podem ser desperdiçadas. Através de múltiplos encontros, diálogos e traduções, emerge o que Boaventura de Sousa Santos chamou uma ecologia de saberes. Esse processo encontra expressão nas assembleias dos movimentos de indignados ou de ocupas, nos assentamentos, escolas e iniciativas do Movimento dos Sem Terra, no Brasil, nos movimentos indígenas, nos movimentos de mulheres e LGBT, nos espaços criados no âmbito do Fórum Social Mundial e dos seus fóruns temáticos, nos diferentes espaços de participação cidadã na definição e avaliação de políticas públicas ou no governo local, ou em iniciativas de Educação Popular.

Perante a imposição de uma explicação oficial da crise, sustentada pela autoridade da monocultura da ciência econômica oficial e pela ideia de que não existe alternativa a esta nem às políticas que dela decorrem, a construção de um outro conhecimento e de outras formas de ação política ocorre através de processos de resgate e partilha de experiências diversas, do diálogo entre tradições intelectuais e culturais, entre correntes heterodoxas dentro dos saberes acadêmicos e científicos, da capacidade de reflexão e de constituição de saberes orientados para a ação, sobre as forças e fraquezas das formas de resistência, de reinvenção dos espaços públicos, de intervenção política, da constituição de alianças, da criação de espaços de tradução entre experiências e saberes de sentido emancipatório, independentemente da sua origem. A dinâmica da ecologia de saberes é, assim, um processo continuado de aprendizagem.

Como todas as ecologias, nestas coexistem saberes diferentes que dialogam, que se confrontam, que se articulam, que discutem, criando novas formas de conhecer, de partilhar e de desenvolver as experiências que permitem vislumbrar um outro mundo para além da crise.

*João Arriscado Nunes*

## **E**conomia popular

O conceito de economia popular acentua a condição do sujeito coletivo “povo”, a parte mais desprovida da sociedade em contraste com as categorias sociais privilegiadas pelo nascimento, pela cultura ou pela fortuna. Numa ace-

ção mais geral, a economia popular é constituída por atividades económicas e práticas sociais desenvolvidas pelas classes populares para garantirem, através do trabalho e dos recursos escassos de que dispõem, a satisfação de necessidades básicas, tanto materiais como imateriais, e, se possível, melhorarem as suas condições de vida. Complementarmente, as redes de entreatajuda e as diversas formas de ação coletiva permitem aproveitar os recursos da comunidade e consolidar uma cultura de solidariedade capaz de manter a coesão do grupo.

Não sendo meros resíduos pré-capitalistas, estas formas económicas persistem tanto nas áreas rurais quanto nas urbanas e renovam-se em períodos de crise. Abundantes estudos sobre o campesinato e a pequena produção artesanal mostram que um sistema económico que nunca foi dominante em parte nenhuma pode sobreviver durante séculos e manter o essencial da sua racionalidade. Uma espécie de economia moral, baseada no costume e na experiência, funciona como concha protetora e reduz os impactos desagregadores do sistema económico dominante, seja ele o feudalismo, o capitalismo ou o socialismo de Estado. O mesmo se aplica, sem grandes alterações às restantes formas de economia popular que partilham a mesma sociabilidade de raiz local, baseada no interconhecimento, na transparência de papéis e na confiança, e se expressam em ações coletivas de carácter popular movidas pela necessidade de autopreservação.

Mesmo quando a expansão dos mercados penetra os espaços mais fechados das comunidades, a desagregação das relações sociais baseadas na reciprocidade e na entreatajuda solidária e a corrosão destes valores é lenta e incompleta e, por isso, os sistemas económicos populares sofrem um processo de metamorfose mas resistem.

*Pedro Hespanha*

## **Economia Solidária**

Economia Solidária é uma designação recente e ainda pouco usada em Portugal e o seu maior contributo em conjunturas de crise parece ser o de comprovar a possibilidade de modos concretos e alternativos de produzir, trocar e consumir. Numa aceção muito genérica, engloba uma diversidade de atividades económicas, baseadas em relações de cooperação e em princípios de gestão democrática, distinguindo-se assim da economia de mercado que predomina largamente nas sociedades contemporâneas, baseada em relações de competição e em princípios de valorização do capital.